

PATRIMÔNIO E FRUIÇÃO: preservando as memórias dos sítios arqueológicos do Município de Camalaú/PB

Thaís Catoira*

Carlos Xavier de Azevedo Netto**

Resumo

Este trabalho resulta de análises parciais de nossa tese de doutorado em fase de desenvolvimento, de modo a apresentar aqui, o conjunto de sítios arqueológicos identificados no município de Camalaú, localizado no Cariri Ocidental paraibano. Nesse sentido, objetiva-se refletir como uma alternativa metodológica a incorporação de depoimentos memorialísticos, bem como as fruições dos sujeitos que habitam o entorno ou atuam profissionalmente com o bem cultural, a fim de compreender através de tais informações adquiridas, como tal produto cultural é representado e aceito pelas comunidades locais, procurando a possibilidade de visualização dos fluxos informacionais dentro das coletividades humanas nas construções memorialísticas e identitárias. Assim, aborda-se neste trabalho, conceito de patrimônio que desloque a dicotomia material e imaterial, assumindo que, o patrimônio cultural é resultante de construções simbólicas, que operam nos jogos de poder e de interesses das políticas culturais e da própria sociedade, no qual se determina e seleciona-se o que irá se representar, preservar, ou o que será esquecido e descartado pelo grupo. Em relação aos procedimentos metodológicos foi empregado o trabalho de campo etnográfico de modo a refletir como se dá a patrimonialização e institucionalização de um bem cultural, registrando diferentes formas de representação desses patrimônios. Sem pretensão de fechar tal discussão, procura-se refletir e criar provocações para o campo da Ciência da Informação e de outras áreas que atuam diretamente com patrimônios culturais e suas relações sociais, de memórias e identidades.

Palavras-chave: Camalaú/Pb; Patrimônio Arqueológico; Fruição, Preservação.

* Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB; thaiscatoira.ufp@gmail.com Doutoranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPB.

** Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB; xaviernetto@gmail.com Arqueólogo, Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).

Introdução

O presente artigo apresenta informações dos sítios arqueológicos identificados no município de Camalaú, localizado no Cariri Ocidental paraibano, de modo a compreender as diferentes representações construídas através da fruição das percepções dos sujeitos, que habitam o entorno desses patrimônios. Buscou-se neste sentido, uma alternativa metodológica que incorporasse além das dimensões sensoriais, as memórias daqueles que convivem e atuam profissionalmente com o bem cultural.

Esses sujeitos, em posições distintas, que partilham do mesmo patrimônio cultural oferecem diferentes formas de representação sobre o mesmo objeto, entendem e percebem a coisa¹ tanto de modo distante, quanto próximo, pois os significados e as imagens construídas irão se configurar conforme o *habitus*² no qual estão inseridos (MILLER, 2013).

A representação da informação, que não deixa de ser uma apropriação de conceitos e sentidos para se dar atribuição a algo, não pode prescindir, segundo Bezerra (2013), dos modos de fruições que se manifestam durante o processo. Pode-se dizer que tanto no campo da Ciência da Informação, bem como da Arqueologia, os profissionais trabalham diretamente com os objetos e as coisas, e por esse motivo deparam-se constantemente como o processo de fruição. Entretanto, os discursos e *habitus* científicos a que estão submetidos cotidianamente podem disciplinar os olhares e sentidos, provocando perdas significativas em outros contextos, que de “tão óbvio que cega” (MILLER, 2013, p. 79).

Dessa forma é interessante pensar em relações mais simétricas nos diálogos entre os diferentes sujeitos, buscando um “imbricamento sensorial das pessoas com as coisas” (BEZERRA, 2013, p.108). Para isto, realizou-se uma pesquisa de campo, cuja abordagem orientou-se por meio de uma perspectiva etnográfica, a fim de obter informações de como os sítios arqueológicos de Camalaú são representados, identificando possíveis fluxos informacionais que permeiam nesta comunidade, bem como suas construções identitárias e de sua memória social.

Destarte, aborda-se neste trabalho, o conceito de patrimônio que desloque a dicotomia material e imaterial, assumindo que, o patrimônio cultural é resultante de construções

¹ O sentido de coisa neste artigo é fundamentado a partir das noções de Ingold (2012), a coisa como um acontecer, em devir; e ainda conforme Miller (2013, p.83), no qual as “Coisas, veja bem, não coisas individuais, mas todo o sistema de coisas, com sua ordem interna, fazem de nós as pessoas que somos”

² A noção de *habitus* trabalhada por Miller (2013) é fundamentada pela perspectiva de Pierre Bourdieu, no qual tal noção envolve uma subjetividade socializadora, e corresponde a um “conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam” (SETTON, 2002, p.63).

simbólicas, que operam nos jogos de poder e de interesses das políticas culturais e da própria sociedade, no qual se determina e seleciona-se o que irá se representar, preservar, ou o que será esquecido e descartado pelo grupo.

Patrimônio, Informação e Memória: a fruição como uma dimensão sensorial para Ciência da Informação

Ao estudar o termo patrimônio, nos deparamos com uma diversidade conceitual que foi se modificando ao longo da história ocidental, seja seu entendimento voltado ao viés econômico - no sentido de propriedade e herança, passando pelo caráter utilitarista ou ainda a partir de uma noção cultural que envolve distintas dimensões simbólicas. Para Miller os trechos seriam agente-chave no estudo da cultura material, no qual,

Uma sociedade particular elabora suas práticas culturais mediante um padrão subjacente que é manifestado numa multiplicidade de formas diferentes. Ao aprender a interagir com uma profusão de culturas materiais, o indivíduo cresce aceitando as normas que nós chamamos de cultura. A criança não aprende essas coisas como um conjunto passivo de categorias, mas por meio de rotinas cotidianas que levam a interações consistentes com as coisas, [...] (MILLER, 2013, p. 82-83).

Assim, tal conceito se apresenta com diferentes contornos semânticos conforme o contexto social e espaço-temporal no qual está e foi inserido, e para este artigo, aceitamos a noção de patrimônio, como categoria de pensamento, no sentido de perceber as diversas dimensões significativas sócio-culturais e políticas que são cruciais para manutenção dos grupos sociais humanos (GONÇALVES, 2003; GONÇALVES, 2005; SALAINI; GRAEFF, 2011).

Outro aspecto ligado à noção de patrimônio para o qual refletimos sobre seu sentido, refere-se ao entendimento de materialização³. A materialização enquanto perceptível aos sentidos, para além de uma idéia meramente física – de objetificação. Doravante, acreditamos não ser necessário o uso dos termos tangível e intangível como forma de distinção (GONÇALVES, 2005), e diante de tal perspectiva, corrobora-se com Gonçalves (2005, p.3) em que todo “o patrimônio sempre foi e é ‘material’”.

O patrimônio cultural ultrapassa assim, a dicotomia material e imaterial, e se constrói numa dimensão inter-relacional, onde segundo Lima (2011, p.20) “o que é informado pelos sentidos – aí incluído o universo material – torna-se uma experiência da consciência”, e dessa forma provoca as diferentes formas de representação que um

³ No sentido de estar afeito aos sentidos humanos, de produzirem efeitos nestes sentidos.

patrimônio pode evocar, pois a “[...] cultura material é um sistema estruturado de signos [...]”, que está constantemente inserida num processo de semiose, transmutando-se em suas formas, espaço e tempo (LIMA, 2011, p.19).

Essa forma de percepção e que por conseqüência leva à interpretação das coisas e de nós mesmos, nos faz olhar, para dentro e para fora, criando novas relações e significados, sobre ser e estar no mundo. Essa capacidade humana se dá dentro de uma relação processual graças à semiose ilimitada (ECO, 1980), e simultaneamente deve-se considerar que “[...] não há ‘reconstruções’, mas construções do passado, fortemente influenciadas por agendas políticas contemporâneas”, conforme atenta Lima (2011, p.19), assim como, “[...] projetar sua identidade em outrem, por intermédio de suas sínteses criativas” (MOURA, 2006, p.11), ao mesmo tempo em que transforma, é transformado, contribuindo em sua própria re-significação enquanto ser.

Desta maneira a fruição perpassa o olhar, o tangível e o intangível, os sentidos e suas percepções. Em relação à percepção, a fruição seria o entre, e coloca-se um pouco além, pois ela imbrica-se com o ato interpretativo, ultrapassando os sentidos, e adentrando aos posicionamentos, questionamentos sobre aquilo que se sentiu, viveu, como na experiência do agora. De modo que,

[...] a fruição não deve acontecer apenas pelo olhar, mas também pela articulação do corpo, dos sentidos corporais, das sensações, exige que a experiência aconteça, para que a matéria em estudo seja capturada [...] como forma de atribuir significados e contextualizações de seu próprio tempo e espaço (GÖTTEMS, 2011, p.35).

Nesta perspectiva, a fruição encontra-se tanto no processo relacional, perpassando o perceptível e sensorial, já que envolve uma relação de entrega e proximidade entre observador e a coisa, o que permite a expansão e alargamento dos significados (CLEMENTE, 2011; RANKE, 2012). Ao trazer tal discussão para o campo da Ciência da Informação, a temática do patrimônio cultural relaciona-se diretamente com o campo da memória⁴ que possibilita pensar uma representação da informação flexibilizada.

Estabelecendo um entrelaçamento das discussões para este trabalho, é essencial apresentar nossa perspectiva em relação ao conceito de memória. A memória possui “graus sucessivos e distintos de tensão ou vitalidade, difíceis de definir [...]” (BERGSON, 2010, p.199) e conseqüentemente se coloca como processo, ação, ou ainda,

⁴ A Ciência da Informação por sua vez, concebe em suas perspectivas, a memória como fenômeno social - produto das relações sociais e identidades promovidas pelos sujeitos - ultrapassando assim, o aspecto individual da lembrança (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2008).

agenciamento de eventos, personagens e fatos, em constante devir, pois através de sua atualização do passado coloca-se sempre no tempo presente, sendo reinventada, re-contextualizada, mediada pela experiência (AZEVEDO NETTO, 2008).

O passado e o presente coexistem num mesmo tempo, assim a memória coloca-se como uma agenciadora do patrimônio cultural, abrindo espaço para que a Ciência da Informação busque compreender e estudar o fenômeno informação, em seus diferentes contextos, meios e suportes, levando em consideração a movimentação, ação, fluxos, condições de possibilidades que seu objeto de estudo produz, atentando essencialmente neste trabalho, para a representação das informações, como um processo cultural.

A metodologia concebida para esta pesquisa concentrou-se no contexto memorialístico, a partir da fruição entre os sujeitos pesquisados (moradores que habitam o entorno dos patrimônios arqueológicos e profissionais que atuam com esses patrimônios), o pesquisador e o bem patrimonial analisado. Com as informações resultantes dos depoimentos memorialísticos, das práticas e das fruições que se deram entre as pessoas e coisas envolvidas, foi possível compor através de processos interpretativos, diferentes referenciais de memórias e práticas culturais. Pautou-se assim, num estudo de base etnográfica envolvendo o trabalho de campo, com uma observação participante, que “é realizada em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (CORREIA, 2009, p.31).

O Município de Camalaú/PB: o contexto histórico e seu patrimônio arqueológico

O nome da cidade de Camalaú segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵ (2016), teria origem graças ao lugar pertencente à tribo Caibus⁶, cujo chefe seria um guerreiro conhecido por Camalaú. Mariano Sobrinho (1996) apresenta outras teorias sobre a gênese que envolve o nome da cidade de Camalaú, a exemplo disso, toma como referência uma formação geográfica que, para alguns, se assemelharia ao desenho de um seio feminino, numa alusão à Pedra do Salão, e também conhecida, por Pedra da

⁵ IBGE. Histórico do Município - Camalaú. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=250390>> Acesso em: 14 jan. 2016.

⁶ Dentre as vertentes que traçam a origem dos habitantes pré-históricos do Cariri Paraibano, como Mariano Sobrinho (1996), algumas tribos descenderiam da região do Caribe, essa teoria aproximaria o termo Caibus, a terminologia Karibo, que segundo a linguagem artificial Esperanto, corresponderia a grupos indígenas cuja família lingüística pertencia à região caribenha.

Rajada (MARIANO SOBRINHO *et al.*, 2012). Em relação à sua formação enquanto cidade, Neves aponta que,

[...] a fundação do povoado deu-se em 21 de julho de 1895 quando, oficialmente o casal Domingos Ferreira Brito e Rosa Maria da Conceição doara a Igreja Católica mais de dezesseis hectares de terra para a formação do patrimônio de São José, que hoje é o padroeiro da cidade, por solicitação de José Cardoso da Silva, que então passou a ser considerado o fundador do município (NEVES, 2010, p.22).

Apesar da doação da Fazenda Boa Vista, realizada pelo casal supracitado, o povoado só passa a ser denominado enquanto categoria de município em 12 de dezembro de 1961, ao ser desmembrado do município de Monteiro/PB pelo então governador da Paraíba Pedro Moreno Gondim. Finalmente em 19 de março de 1962 Camalaú tem sua emancipação política, embora a herança coronelista tenha persistido por quase vinte anos. Neste sentido, Mariano Sobrinho e colaboradores enfatizam que:

É curioso observar que uma das condições impostas pelos chefes políticos da época da emancipação foi a de que não deveria haver “divisão política” no novo município, ou seja, a oposição deveria morrer e todos os candidatos deveriam ser eleitos por acordo – e isso aconteceu até o ano de 1981, quando foi reerguida a bandeira da oposição (MARIANO SOBRINHO *et al.*, 2012, p.40).

Em relação aos patrimônios arqueológicos distribuídos pela região de Camalaú são compostos por pinturas rupestres, materiais cerâmicos⁷ e líticos, cemitérios. Sua localização está situada na mesorregião da Borborema, no Cariri paraibano, com clima semi-árido e mata típica da caatinga. Segundo Neves (2010), um dos primeiros documentos que faz referência às pinturas rupestres é de autoria de Ambrósio Fernandes Brandão na obra “Diálogos das grandezas do Brasil” de 1618. O patrimônio arqueológico de Camalaú não se encontra situado num único local. Em Camalaú é possível encontrar sítios arqueológicos em diferentes localidades da área rural, no entorno da cidade, conforme destacado em vermelho na imagem abaixo.

⁷ O estudo do material cerâmico pode auxiliar na compreensão da função simbólica do sítio (AZEVEDO NETTO; ROSA; MIRANDA, 2011).

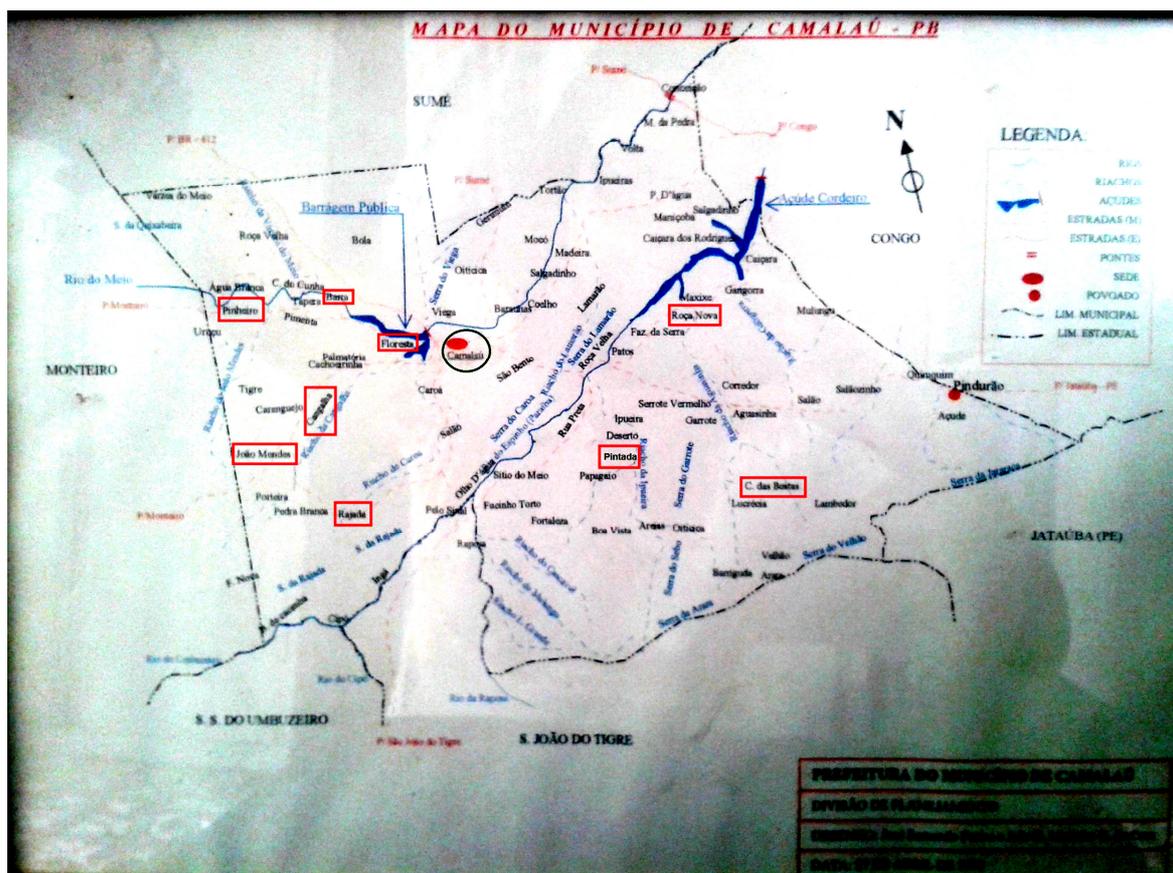


Imagem 01 - Mapa do Município de Camalaú, - a zona urbana de Camalaú está destacada com o círculo verde, e os sítios arqueológicos identificados em vermelho (Efeito com contraste -40%, para melhor visualização). Fonte: Acervo Pessoal.

Em relação aos registros gráficos podem ser classificados, segundo Santos Júnior dentro do que se denomina de tradição Nordeste ou Agreste (pinturas),

A tradição Nordeste apresenta em seus painéis uma predominância de grafismos reconhecíveis compostos por figuras humanas, representações de animais, plantas, utensílios, artefatos e adornos. Tem como principais características a narração e diversidade de cenas com grafismos em pequenas dimensões (geralmente entre 5 a 10 cm), com sensações de movimentos e ação. Existe uma predominância de representações antropomorfas e zoomorfas, e em menor número, os fitomorfos e os utensílios/artefatos culturais (SANTOS JÚNIOR, 2008, p.34).

Segundo Santos Júnior (2009) os sítios de Camalaú estariam inseridos, juntamente com outros sítios das regiões de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, em uma possível rota de migração, cuja hipótese coloca o Piauí (São Raimundo Nonato) como epicentro dessa tradição gráfica de registros pintados, em que teria uma extensão por toda região Nordeste, utilizando o rio São Francisco como via de acesso para os deslocamentos.

Devido à próxima semelhança entre as características de apresentação gráfica, Santos Júnior explica que:

Essa provável rota migratória com a região da Serra da Capivara no Piauí vem sendo estudada por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco há várias décadas, tendo como um dos critérios de análise as representações humanas rupestres do Seridó, [...] (SANTOS JÚNIOR, 2008, p.34).

Ao buscar informações locais disponíveis sobre os sítios arqueológicos de Camalaú, foi possível encontrar dados nos relatórios da empresa CMT Engenharia, responsável pelo “Projeto São Francisco – um Brasil mais integrado e melhor para todos”, e ainda, em obras literárias de moradores da região, como padre João Jorge Rietveld e o professor José Mariano Sobrinho.

Padre João Jorge Rietveld que veio da Holanda atuar no Cariri paraibano em meados dos anos de 1980, chegou ao município de Monteiro/PB, onde passou a ter contato com as pinturas rupestres, passando assim a investigar e buscar por toda região do Sul do Cariri, sítios arqueológicos. Em seu livro “Aspectos históricos do catolicismo no sul do Cariri Paraibano” publicado em 2015, Rietveld (2015, p.24) diz que “considera o passado a partir da Igreja Católica [...]” e inserido nesta perspectiva narra sua admiração e suas investigações “arqueológicas” incluindo o município de Camalaú.

Rietveld (2015) ao tomar conhecimento e se deparar com tais pinturas, apresenta em sua obra diferentes histórias sobre estas imagens, coisas que ouviu de alguns moradores locais que denominavam as pinturas o termo “letreiros dos flamengos” de modo a ter a seguinte representação e significado:

Os desenhos seriam também indicadores de lugares que guardavam tesouros escondidos por holandeses, porque eram vistos como detentores de grandes riquezas. Por isso, tantas escavações nos lugares onde estes foram pintados: testemunhas caladas de tentativas de ‘arrancar uma butija’.

Rietveld (2015) diz ter inventariado cerca de vinte e oito sítios arqueológicos em todo Sul do Cariri, entre suas observações a respeito das pinturas rupestres, fala sobre o predomínio da cor vermelha (pigmentação), a aparição da cor preta e branca. Em relação a posição dos desenhos, identifica que localizam-se entre o nível do chão até a altura onde uma mão adulta pode alcançar⁸, e observa que tais inscrições se posicionam em

⁸ Em trabalho de campo com a equipe do professor Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto, encontrou-se

locais onde há mais sombra durante o dia. Para Rietveld (2015, p.30) em alguns sítios arqueológicos de Camalaú aparecem mãos carimbadas, como nos sítios da Pedra Pintada e Pedra do Caboclo⁹ cuja interpretação do padre se coloca da seguinte maneira “Elas podem transmitir a mensagem: Eu estive aqui e participei de cerimônias”.

Durante o trabalho de campo, em conversa com Antonio Mariano Sobrinho, ele menciona a ação de equipes de arqueólogos em Camalaú a partir de 1997 até meados dos anos 2000. Ele se refere à equipe do Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA), uma organização não governamental (ONG) vinculada à Universidade Estadual de Campina Grande, também mencionada por Rietveld (2015), no qual recebeu o convite desta equipe para se associar da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA).

É possível também encontrar outras informações a respeito dos sítios de Camalaú, como através do Projeto Arqueologia do Cariri, iniciado no ano de 2004 e em pesquisas desenvolvidas por alunos de mestrado e doutorado em arqueologia, pela Universidade Federal de Pernambuco a exemplo de Matos (2015), Universidade Federal da Paraíba, com Oliveira (2009), entre outros projetos de pesquisa, sob orientação do professor Carlos Xavier de Azevedo Netto, responsável pelo atual levantamento dos sítios arqueológicos camalauenses.

Quadro 01 - Levantamento dos Sítios Arqueológicos de Camalaú-PB

SÍTIO	MATERIALIDADE		LOCALIZAÇÃO ¹⁰	
	NATUREZA	MODALIDADE	UTM E	UTM N
Sítio Tapuio	Registro Rupestre e Cerâmica	Cerâmica e Lítico	749385	9129051
Sítio Cacimba das Bestas I	Registro Rupestre	Pintura	754572	9120600

pinturas rupestres em alturas e locais onde a atual formação geográfica não permitiria ser caracterizada ao “alcance de uma mão adulta”, algumas pinturas encontram-se em posições de difícil acesso, e em elevadas alturas.

⁹ Pedra do Caboclo é a denominação utilizada pelos moradores locais, corresponde ao Sítio Barra, entretanto não há pinturas neste sítio, mas um cemitério indígena. Talvez o padre ao utilizar o termo Pedra do Caboclo estaria se referindo ao Sítio do Mateus/João Mendes, ou localmente denominado como Pedra do Letreiro.

¹⁰ Todos os sítios se encontram na Zona 24M, para tanto deve considerar as coordenadas da seguinte maneira: UTM 24M xxxxx E, ou UTM 24M xxxx N

Sítio Cacimba das Bestas II	Registro Rupestre	Pintura	754680	9120693
Sítio Cacimba das Bestas III	Registro Rupestre	Pintura	754879	9120160
Sítio Cacimba das Bestas IV	Registro Rupestre	Pintura	754963	9120227
Sítio Cacimba das Bestas V	Registro Rupestre e Cerâmica	Pintura	754947	9120126
Sítio Beira Rio	Registro Rupestre	Pintura	737199	9127259
Sítio Cangalha	Registro Rupestre	Pintura	732156	9121177
Sítio Roça Nova	Registro Rupestre	Pintura	751314	9127161
Sítio Pedra da Pintada I	Registro Rupestre	Pintura e Gravura	755903	9120843
Sítio Pedra da Pintada II	Registro Rupestre	Pintura	755881	9120828
Sítio Parque das Pedras	Cemitério	Ósseo, Cerâmica, Lítico	738228	9127050
Sítio Barra	Cemitério	Ósseo e Cerâmica	734735	9129133
Sítio Mateus	Registro Rupestre e possível Cemitério	Pintura e Ósseo	731086	9126825

Fonte: (OLIVEIRA, 2009) e Dados do Projeto Arqueológico do Cariri Paraibano (2006).

Neste sentido, através de uma breve descrição pode-se pontuar algumas características e particularidades dos Sítios Arqueológicos de Camalaú, trazendo informações adicionais de memórias e fruições dos moradores camalauenses, que foram percebidas durante a

pesquisa de campo. O **sítio Tapuio**¹¹, que se localiza na propriedade privada do Sr. Lula Pereira (PATRIOTA, 2014), possui uma formação rochosa, com painéis de pintura rupestre, voltados para direção norte. Como descrevem Azevedo Netto e Matos existe

[...] grande quantidade de mãos em positivo, de crianças e adultos, um grande número de motivos geométricos, motivos que lembram antropomorfos de mãos dadas e um motivo que lembra a figura de um caranguejo, todos na cor vermelha clara (AZEVEDO NETTO; MATOS, 2012, p. 45).

Ainda sobre o sítio Tapuio,

[...] possui três painéis com pinturas rupestres que ao todo possui o comprimento de 28.80 metros. As representações – desgastadas pela ação natural do tempo e animal – na sua maioria são mãos (adultas e de crianças) que estão bem mais conservadas e visíveis, principalmente no lado direito do 3º painel que faz divisa com o 2º painel (PATRIOTA, 2014, p.86).

Durante a pesquisa de campo deste trabalho, não foi possível o acesso ao Sítio Tapuio devido aos constantes assaltos nas estradas. Para tanto, tomaremos como referência as observações de Patriota (2014), que descreve detalhes sobre o sítio Tapuio, cujos registros pictográficos se configuram em pinturas de mãos (crianças e adultos), gravadas ou pintadas. Em relação ao entorno, foram encontrados vestígios cerâmicos e vestígio lítico. Para Azevedo Netto e Matos (2012, p.45) as pinturas rupestres destacam “a presença de motivos inéditos para a região, como a representação do “caranguejo” e alguns motivos geométricos”. Sobre o estado de conservação das pinturas rupestres deste sítio, estão consideravelmente desgastadas, devido aos próprios agentes naturais daquele ambiente, tais como urina de mocó, a criação de bovinos local, e os intemperismos climáticos (AZEVEDO NETTO; MATOS, 2012).

O **sítio Cacimba das Bestas** foi dividido em quatro localidades, o **sítio Cacimba das Bestas I** possui um bloco de rocha compacta de granito, com cerca de sete metros e vinte centímetros de comprimento, por quatro metros de altura (MATOS, 2015). Em sua superfície constam, segundo Matos (2015, p.79) “uma área pictórica de 8,19m², caracterizada pela presença substancial de representações de mãos, pintadas na cor vermelha”. O **sítio Cacimba das Bestas II** é composto por dez painéis com pinturas que em sua maioria correspondem a cenas de Tradição Nordeste, como antropomorfos e

¹¹ Segundo Pereira (2005, p.4) a palavra Tapuio vem do tupi-guarani, “[...] é uma referência aos índios que foram forçados a abandonar suas aldeias [...]” e representa uma “[...] denominação genérica do desprezo que se davam entre si”. Assim, para os tupis e portugueses, tapuio era o inimigo, hostil e escravo.

figuras zoomorfas, e ainda pinturas com motivos geométricos (AZEVEDO NETTO; DUARTE; OLIVEIRA, 2009).

Na sequência, o **sítio Cacimba das Bestas III** é formado por um bloco granítico, que devido à ação do vento esculpiu-se uma depressão, que pode servir de abrigo. Apresenta pinturas em formato de grafismos puros (geométricos), na tonalidade vermelha, com representações que se aproximam de figuras zoomorfas (MATOS, 2015). O **sítio Cacimba das Bestas IV** apresenta-se também por um bloco de granito, com trinta e dois metros de comprimento, por três metros e cinquenta e cinco centímetros de altura, com seis manchas pictóricas em sua superfície, Segundo Matos (2015, p.82) “a predominância é de grafismos puros (geométrico). Ao todo foram identificadas 64 representações antropomórficas no sítio. A maior parte encontra-se na área abrigada”. Por estarem em uma área protegida, sem exposição ao sol, chuva, vento, as pinturas se encontram em melhor estado de conservação (MATOS, 2015).

O **sítio Cacimba das Bestas V** reúne um conjunto de blocos de granito, que segundo Matos (2015) apresenta em dimensões gerais sete metros e vinte centímetros de comprimento por seis metros e dez centímetros de altura. As pinturas predominantemente avermelhadas com motivos geométricos (MATOS, 2015). J.A. (46, M.)¹², que habitou a região deste sítio, relembra e descreve uma cena de caça, as letras (pinturas), e narra o quanto gosta de ficar olhando e pensando quem e quando teriam sido feitos, comenta ainda que perto de onde ficam as pinturas, os moradores à noite, ouvem assobios e “dizem que é coisa de caboclo brabo, ou das caiporas”.

Sítio Beira Rio, segundo Matos (2015, p.93) resulta de um “afloramento gnáissico. Encontra-se em frente a um curso d’água intermitente que, após ser artificialmente represado, atualmente é o açude municipal de Camalaú”. Atualmente o açude encontra-se em situação crítica devido aos seis anos de seca na região. Dentre as pinturas deste sítio, há uma predominância de figuras zoomórficas. Para Azevedo Netto; Matos (2012, p.47), foi possível identificar em momento posterior “um possível padrão de representação dos ornitomorfos, os quais aparecem, em sua maioria, em pares”. Para os moradores do entorno deste sítio M.F.S. (67, F.) e M.V.S. (68, M.) as pinturas seriam “coisa feita no começo do mundo”, e fazem parte da natureza, quando M.V.S (68, M.) fala sobre as pinturas próximas de sua casa, diz “pia, que coisa bem feita”.¹³

¹² Os nomes dos informantes são identificados na pesquisa da seguinte forma: iniciais do nome, idade e sexo.

¹³ “Pia” na linguagem nordestina tem o mesmo contexto da palavra “olha”.

O **sítio Cangalha** é composto por três painéis, considerado por Azevedo Netto; Duarte e Oliveira (2009) como um sítio abrigo, possui grafismos em formatos espiral concêntrico em tons de branco e preto, círculos com preenchimento, e ainda linhas paralelas na tonalidade vermelha (MATOS. 2015). Durante a pesquisa de campo, observou-se que poucos moradores do entorno sabem de sua existência a exemplo de R.B.B. (45, F.) professora da cidade, que apesar de sempre ter morado nas proximidades nunca conheceu pessoalmente o sítio arqueológico, a professora ressalta “a gente deixa de conhecer a nossa região pra conhecer a região dos outros”. Já A.E.F. (73, F.) descreve que “não tem o que ver, porque não entende nada”, para ela as pinturas são letras de um tempo antigo, mas por ser analfabeta não consegue ler. Esta maneira de olhar e perceber as pinturas rupestres, como letras que não conseguem ser lidas, aparece em grande parte das falas dos moradores do entorno dos sítios arqueológicos de Camalaú.

Outro sítio o **Roça Nova**, segundo Azevedo Netto; Duarte e Oliveira (2009) possui cinco painéis de pintura que variam entre figuras de motivos naturalistas como geométricos. Entre os grafismos naturalistas, chama-se a atenção para a cena com “representações de relações sexuais, havendo também a presença de grafismo puro e carimbos” (AZEVEDO NETTO; DUARTE; OLIVEIRA, 2009, p. 49). Em relação a esta cena especificamente, pode-se identificar outra interpretação como a do padre Rietveld como “um desenho apresenta uma dança, [...]. Acho que este painel do Roça Nova é uma exceção e pertence a tradição nordeste, [...]” (RIETVELD, 2015, p.32). Para F.F.N. (54, M.) as pinturas rupestres que ali se encontram são muito importantes, estão localizadas na propriedade de seu tio de 97 anos, que não compartilha do mesmo pensamento, “você acredita que ele nunca viu”. Durante a conversa sobre as imagens pintadas, M.R.S. (47, F.) professora da escola rural local, ela descreve os desenhos pela memória, “tem vermelho e amarelo, tem lagarto e uns círculos”, fazendo o movimento da imagem no ar, e ao referir-se à cena, acima analisada pelos arqueólogos e pelo padre, a moradora considera como uma “brincadeira de roda”.

O **sítio Pedra da Pintada** também foi dividido em **Pedra Pintada I e II**, este sítio também pode ser identificado em alguns documentos como Pedra da Florinda. Sobre o Pedra Pintada I trata-se de um bloco de granito, com nove painéis, apresentando tanto pinturas, quanto gravuras, na tonalidade vermelha. Segundo Azevedo Netto; Duarte e Oliveira (2009, p.48) as gravuras possuem formas geométricas, e “[...] as figuras de forma naturalistas com algumas pinturas apresentando características de mãos e redes”, além de um antropomorfo (MATOS, 2015).

Já o **sítio Pedra Pintada II** constitui-se de blocos de granito, formando um abrigo, as pinturas representam grafismos geométricos e manchas de tintas (MATOS, 2015). A.C. (58, M.), que morou durante 18 anos neste sítio, relata que além das pinturas, as pedras parecem painéis de pressão, porque emitem um som “que é um mistério que tem dentro delas”, e que no período que residiu naquele local incentivava as visitas e o turismo, “veio muita gente da Holanda, Alemanha, sempre tinha gente de fora” e que atualmente “quase não vai gente, as escolas iam lá, hoje não sei”, o atual proprietário reside em Recife/PE, o que provavelmente deve dificultar o acesso ao local.

O **sítio Parque das Pedras** também se apresenta como um bloco de granito, formando um abrigo natural. Neste sítio, foi realizado processo de sondagem e escavação, identificando vestígios ósseos, líticos, e até o momento, raros cerâmicos (AZEVEDO NETTO; MATOS, 2012). Este cemitério foi encontrado pelo professor e proprietário J.D.F. (71, M.) quando estava com seu funcionário limpando o terreno para a pastagem de sua criação de cabras, para descansar sentaram em baixo do abrigo de pedras, quando então teve uma “intuição” e falou para seu funcionário cavar “cava aqui nos pés, a gente vai encontrar uma botija ou ossos humanos”, ao cavar encontraram um dente e assim começaram a encontrar diferentes partes do corpo humano. J.D.F. (74, M.) sabia que não deveria alterar o local por ter conhecimento prévio, optou assim em avisar o professor Carlos Xavier de Azevedo Netto, pois sabia de seu trabalho com sítios arqueológicos na região.

Outro sítio desta região de Camalaú é o **Sítio Barra** ou também conhecido com Pedra do Caboclo, que assim como o sítio Parque das Pedras, configura-se como um abrigo de rochas com dimensões de nove metros de comprimento, dois metros e cinquenta centímetros de largura e um metro e noventa e três de altura. Apresenta uma grande quantidade de vestígios ósseos, e ainda possui vestígios cerâmico, lítico, cestarias entre outros, estes vestígios estão passando por análises antropométricas (analisa as medidas e dimensões das partes que compõem o corpo humano) e tafonômicas (analisa os organismos em decomposição, como casos de fossilização) através da parceria estabelecida com a Universidade Federal do Sergipe, que possui laboratório especializado para estes fins (MATOS; SOUZA, 2011).

Atualmente, parte do material foi retirado, e enviado ao laboratório para análise, esse período entre a recolhida e ida do material ao laboratório pode causar um distanciamento na relação do pesquisador com o morador local, conforme foi observado a partir da conversa com J.E.S. (55, M.) proprietário do Sítio Barra, que julga que a “falta de

interesse seria menor se tivesse mais informações” e questionou sobre o que seria feito dos materiais retirados, se seriam devolvidos e quais informações os arqueólogos conseguiram em suas pesquisas.

E por fim, o **sítio Mateus** que por fazer fronteira com o Sítio João Mendes pode ser confundido, mas para os moradores locais este sítio é reconhecido como Pedra do Letreiro. Uma grande formação rochosa que oferece um grande abrigo, e possui grafismos puros, antropomorfos, espirais, entre outros, na pigmentação avermelhada, e em bom estado de conservação. Foi realizada uma sondagem, a partir do uso de quadrículas para demarcação, e nesse procedimento foi detectada a presença de possíveis vestígios ósseos, a serem analisados em laboratório. Este sítio pode configurar uma nova configuração entre os demais sítios, compartilhando a existência de pinturas rupestres e vestígios ósseos.

O Sítio Mateus ou Pedra do Letreiro é um dos sítios mais conhecidos, juntamente com o da Pedra Pintada, são os mais referenciados pelos moradores de Camalaú. Para M. B. M. (75, F.) moradora do entorno deste sítio, as pinturas segundo os mais velhos são “coisas de caboclo bravo, e que lá moravam também os cangaceiros, na era de 1912, no tempo de meu pai”, a informante relembra as histórias dos “mais antigos” sobre as botijas¹⁴ e diz que “depois que enterra não acerta mais” por isso as almas apareceriam para mostrar pra quem está vivo onde achar, “eu acho que aparece fazendo essas pinturas” se referindo aos desenhos rupestres como sinais para encontrar as botijas de ouro.

Após apresentar sinteticamente os sítios que compõem a região de Camalaú e algumas percepções dos moradores de seu entorno, deve-se levar em consideração que, os sítios arqueológicos de Camalaú ainda não são registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA, ou seja, ainda estão em vias de se institucionalizar e passar pelo processo de patrimonialização, cuja ação de afirmação enquanto patrimônio cultural, que se dá através de pesquisas e seus resultados publicados em meios de comunicação científica, bem como, a partir da própria ação de socialização do patrimônio envolvendo as políticas públicas e as relações sociais. Nesse sentido, a “patrimonialização é uma ação que tem como finalidade fomentar o desenvolvimento através da valorização,

¹⁴ Segundo a interpretação dos informantes da pesquisa botijas eram potes de barros com peças de ouro, objetos de valor que eram enterrados nos quintais, terrenos, etc. e que permeiam o imaginário cultural dos sertanejos nordestinos. E para serem encontrados uma “alma” se apresenta em sonhos ou não, para aquele escolhido. Caso a pessoa escolhida conte sobre a “aparição” o conteúdo da botija se transforma em carvão, ou ao encontrar a botija o escolhido precisa deixar o local para não perder o tesouro descoberto.

revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural” (SILVA, 2011, p.109).

Apesar dos sítios arqueológicos de Camalaú não serem tombados ou registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como patrimônio oficial, segundo informações acessadas no CNSA (2016), possuem ainda pouco (re) conhecimento por parte da comunidade camalauense. Entretanto, segundo relato dos pesquisadores a frente das pesquisas de sondagem, prospecção e escavações, nos últimos anos, por conta dos projetos desenvolvidos, embora tenham ocorrido de forma inicial, com um trabalho em parceria com as escolas da cidade para uma aproximação, já é possível identificar nos moradores mais jovens a existências desses locais, pela terminologia de “sítios arqueológicos” ganhando sentido e conotação enquanto patrimônio cultural.

Apesar de observar durante a pesquisa de campo este indicativo de reconhecimento dos sítios arqueológicos, parte considerável da comunidade desconhece a existência dos mesmos, e por este motivo há real necessidade de um trabalho mais engajado entre pesquisadores, agências fomentadoras da sociedade, e da própria comunidade local a fim de promover novas relações entre esta comunidade e este patrimônio, potencializando uma relação de pertencimento cultural.

No que tange aspecto turístico, este ainda é incipiente conforme observado durante a pesquisa, mas já surge como elemento em discussões por parte de seus pesquisadores, bem como dos próprios moradores (PATRIOTA, 2014). Como relata A.C. (58, M.) sobre a Pedra Pintada “fazia muito turismo, piqueniques, trilhas, até coloquei cordas na trilha para facilitar a caminhada dos turistas”. M.M.O. (41, M.)¹⁵ por ter uma relação de proximidade entre os sítios arqueológicos e os pesquisadores, reconhece a importância de se preservar e divulgar tal patrimônio, e sonha em um dia poder construir um museu em sua cidade para que todos tomem conhecimento do que existe em sua região.

Considerações Finais

Por ser uma pesquisa que envolve formas de representação que estão sendo construídas a partir da fruição das pessoas com as coisas, e isso permeia um universo perceptível,

¹⁵ Morador de Camalaú que atua como informante e guia para os pesquisadores, esteve em contato com pesquisadores desde 2003. Segundo ele, participou de palestras, onde compreendeu o que eram e como se caracterizavam os sítios arqueológicos, assim conheceu os caminhos e rotas para os sítios arqueológicos, pois em seus horários livres tem o hábito de procurar pela região novos sítios para repassar a informação aos arqueólogos que lá pesquisam

sensorial, e interpretativo, deve-se encarar que “as soluções para os problemas de construção têm sempre que ser improvisadas.” e para isso é preciso “[...] adaptar os princípios gerais à situação específica que temos em mãos” (BECKER, 1997, p.12). Nesse sentido, a escolha dos informantes, ou sujeitos que auxiliarão na construção da pesquisa, também foi definida conforme as relações e oportunidades se deram durante a pesquisa de campo¹⁶.

O trabalho de campo foi realizado num período de dois meses consecutivos, aliados à experiência prévia de outros trabalhos de campo também concretizados em Camalaú nos anos de 2013 e 2015. Para tanto, buscou-se conforme pontua Da Matta (1981, p.143), “uma vivência longa e profunda com outros modos de vida, com outros valores e com outros sistemas de relações sociais [...]”, servindo como um rito de passagem, um devir, saindo das ideias construídas dentro do gabinete, para enfim “[...] experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução” (CLIFFORD, 2008, p.20).

Neste processo está sendo admitido como agenciamento que potencializa as informações para além de um resultado estruturado, mas a informação em uma posição situacional. No qual permitiu que durante o processo de imersão ocorresse o estranhamento, resultante tanto de uma observação participante, quanto da própria prática de essência etnográfica.

Ao buscar as informações que potencialmente podem contribuir para o processo de representação da informação mais flexível e sensorial, visto que tais informações resultaram das fruições – dos pesquisadores, e daqueles com que se partilhou tal experiência, fazem com que seja possível nortear a construção de discussões e reflexões a partir de uma noção de alteridade. Conforme diz Brandão (2007), será preciso um “tempo de contaminação” e o autor ainda complementa;

Eu acho que é muito enriquecedor viver um tempo, que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe um mês de puro contato pessoal, se possível, até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios, [...] e assim por diante (BRANDÃO, 2007, p.13-14).

Para Pires (2011) o trabalho de campo seria uma espécie de desprendimento, “de si mesmo”, da “relativização da própria cultura”, da “exotização de si” e de uma

¹⁶ Inicialmente tínhamos como informante apenas M. M. O. (41, M.) mas conforme foi se dando o processo de inserção no campo, as relações e aproximações se concretizaram no contexto feminino. As moradoras M. A. S. (45, F.) e N. M. S. (30, F), tornaram-se essenciais para a entrada em campo, e permitiram através de suas redes de relações sociais, os diálogos e conversas com outros moradores da região.

“naturalização do que é estranho”. Aliar tal perspectiva metodológica ao campo da Ciência da Informação para o processo de representação da informação, pode ampliar as possibilidades de significação, bem como, compreender melhor as teorias pensadas e refletidas no gabinete a partir dos acontecimentos rotineiros e encontrar nos imprevistos, novas descobertas e elementos que ainda não haviam sido procurados (VELHO, 2006). E assim, “Apreender com a ajuda dos nossos informantes um modo pelo qual pode operar o pensar. Ao invés de supervalorizar a própria filosofia (ou a teologia), recolher a linguagem do ser para junto do simples dizer [...]” (VELHO, 2007, p.43).

A experiência etnográfica “evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção” (CLIFFORD, 2008, p.36). Buscou-se assim, através de uma maior proximidade com as realidades locais das comunidades da pesquisa, algumas estruturas significantes que podem contribuir na compreensão de uma categoria cultural, observando aquilo que é produzido, percebido, informado e interpretado pelo grupo. A exemplo da nomeação dada as pinturas rupestres por parte da comunidade mais idosa de Camalaú, como Letreiro de Caboclo Bravo.

A descrição densa, que é um processo lento dar-se-á nos processos de significação, no fluxo dos depoimentos memorialísticos, na fruição entre as coisas e as pessoas, incluindo o próprio pesquisador neste processo e entendendo que a cada momento tal descrição pode ser re-significada e revisitada. Levando em consideração que,

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo - isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 2008, P.37-38).

Será preciso assim, olhar de perto e de dentro, identificando os sinais e signos, descrevendo cada situação e fato, para então, ao sair do campo, e adentrar ao gabinete, iniciar o processo de rememoração, reflexão, re-significação e interpretação, resultante dos sentimentos vividos, das percepções e inferências, e das fruições, para a construção das informações que remetem à ação da patrimonialização de um bem cultural, para seu status final de patrimônio cultural institucionalizado.

A partir das observações de fenômenos informacionais nas esferas do patrimônio arqueológico, identificou-se a necessidade relativização/flexibilização da conceituação da

informação e da representação da informação, que possibilite ampliar e transparecer as linhas que envolvem os bens patrimoniais, que seria um passo para demonstrar algumas particularidades desses bens.

Em suma ao perceber as relações culturais e estudar os bens patrimoniais de um coletivo, a Ciência da Informação através da representação sensorial da informação, poderia compreender seu objeto de estudo, inserido nos fluxos que a permeiam. Esses espaços e materiais assumem o caráter potencial, e ao passarem por novos olhares, entrariam no conflito diante do processo de reconhecimento ou não, ou seja, estar em ressonância, para enfim, serem aceitos como patrimônio cultural de tal coletivo.

Para tanto, é preciso expandir, descrever e também interpretar diferentes signos, significados. A informação neste contexto atua em constante movimento, inserida no tempo-espaço, promovendo re-significações e necessitando reflexões em torno de novos conceitos que visem à produção de novos conhecimentos. Mas será possível garantir uma representação da informação que permita diferentes nuances informacionais de um material? Como não cair, e resultar em um novo modelo?¹⁷

Diante dos sítios arqueológicos analisados neste artigo, também refletimos a respeito da patrimonialização desses bens, e como a institucionalização pode colaborar em certa medida para a preservação dos mesmos. Contudo a legitimação por parte dos mecanismos políticos torna-se parte determinante para que se possam desenvolver, pesquisas, trabalhos de preservação e conservação, fiscalização e por conseqüência, exigir de tais instâncias esses procedimentos. Transformar o sentido simbólico dos patrimônios perante sua patrimonialização, não deixa de ser um modelo, e ao atrelá-lo ao turismo no sentido comercial, corre-se o risco de transformar o patrimônio e a cultura em mera mercadoria cultural com um roteiro pré-determinado.

Referências

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Abordagem do conceito como estrutura semiótica. *Revista Transinformação*, v. 20, p. 47-58, 2008.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; DUARTE, P.; OLIVEIRA, A. M. P. A presença da tradição nordeste na região do Cariri Ocidental: questões classificatórias. In: *Congresso Internacional da IFRAO*. Piauí, 2009.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; MATOS, F. A. S. Tratamento da informação rupestre: uma ação interdisciplinar. *Biblionline*, João Pessoa, v.8, n.esp., p. 35-54, 2012.

¹⁷ Neste sentido, cito o artigo de KANDO, N.; ADACHI, J. *Cultural Heritage Online: Information Access across Heterogeneous Cultural Heritage in Japan*. Disponível em: <<http://www.kc.tsukuba.ac.jp/dlkc/e-proceedings/papers/dlkc04pp136.pdf>> Acesso em: 06 jul. 2016.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; OLIVEIRA, A. M. P.. Os documentos arqueológicos e históricos: a relação da cultura material e do ambiente nos Sítios Arqueológicos do Cariri Paraibano. *Revista História Unicap*. v. 2 , n. 3, p.08-27, jan./jul. 2015.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; ROSA, C. R.; MIRANDA, P. G.. Semiótica dos Sítios cerâmicos da região do Cariri Ocidental, PB. *Revista Clio Arqueologia* - UFPE, v. 26, n. 2, p.265-288, 2011. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/V26N2-2011/2011v26n2a3.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BECKER, H. S.. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 3ª Edição. São Paulo. Editora Hucitec, 1997.

BERGSON, H.. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, n.7, p.107-122, 2013.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. In: *Sociedade e Cultura*, v.10, n.01, p.11-27, 2007. Disponível em: <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2015/03/bezerra-2013.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

CLAUDINO, Creusa Aparecida. O conceito de patrimônio e patrimonialização da cultura: considerações sobre educação patrimonial no âmbito dos museus. *Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura*, edição 13ª, p.06-15, 2013. Disponível em: <<http://201.55.32.167/retc/index.php/RETC/article/view/160/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

CLEMENTE, J. P.. Para além do código: prazer e fruição em *Pas de deux*, de Norman McLaren. 2011. *Monografia* (Graduação), Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

CLIFFORD, J.. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS – CNSA. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

CORREIA, M. C. B.. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enferm.*, v.13, n.02, p.30-36, 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

CRUZ, R. C. A.. Patrimonialização do patrimônio: Ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, n.31, p.95-104, 2012.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 1981.

ECO, U.. *Tratado geral da semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

GEERTZ, C.. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, J. R. S.. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.11, n.23, 2005.

GÖTTEMS, C.. *Obras de arte propositivas e sensoriais: investigando a fruição e a experiência artístico-estética em situações de ensino-aprendizagem*. 2011. *Monografia* (Graduação), Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

INGOLD, T.. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p.25-44, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Cidades - Paraíba*. 2016. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=25&search=paraiba>> Acesso em: jan. 2016.

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. *Projeto Arqueológico do Cariri Paraibano*. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2006. Disponível em: <http://www.ndihr.ufpb.br/arqueologia/arqueocariri_relatorio.html> Acesso em: 08 ago. 2016.

LIMA, T. A.. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.* [online], v.6, n.1, p.11-23, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>> Acesso em: 10 jun. 2016.

MARIANO SOBRINHO, A.. *Rio Camará: A epopéia de (mais) um século*. 1ªed. Camalaú, PB. Academia de Cultura Princesa do Cariri, 1996.

MARIANO SOBRINHO, A.; BERTO, C. G. O. I.; FARIAS, M. C. B.; MARIANO, Q. P. Camalaú. In: LIMA, A. G.; *et al.* (Orgs.). *Traços históricos e culturais do Cariri Paraibano*. João Pessoa, 2012. p. 37-46.

MATOS, F. A. S.. Os antropomorfos no registro rupestre do semiárido paraibano: caracterização das representações na Microrregião do Cariri Ocidental. 2015. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MATOS, F. A. S.; SOUZA, T.. Arte Rupestre e Paisagem: o Registro Rupestre como fonte de estudo das relações entre populações pré-históricas e o meio ambiente no Cariri Ocidental Paraibano. In: *II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura*, 2011. Campina Grande – PB: Editora UFCG, 2011.

MILLER, D.. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOURA, Maria Aparecida. Ciência da Informação e Semiótica: conexão de saberes. *Enc. Bibli.: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, 2º número esp., p.01-17, 2º sem. 2006.

NEVES, C. M.. Um olhar para o Município de Camalaú: Potencialidades Turísticas no Cariri Paraibano. 2010. *Monografia* (Graduação), Geografia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB), João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, A. M. P.. Entre a pré-história e a história: em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do Cariri Paraibano. 2009. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções da memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: *Anais... IX ENANCIB*, São Paulo, 2008. p.01-14.

PATRIOTA, T. B.. Arqueologia no Cariri Paraibano: um resgate arqueológico e patrimonial no município de Camalaú-PB. *Revista Tarairiú*, ano V, v.1, n.07, p.80-92,

2014. Disponível em: <http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n7/art6.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

PIRES, Flavia Ferreira. Roteiro sentimental para o trabalho de campo. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n.20, p.143-148, 2011.

PEREIRA, R. C. C.. Imagens visual e escrita: Algumas reflexões sobre a utilização do termo tapuio na cidade de Belém no final do século XIX e início do século XX. In: ANPUH - XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - *Anais...* Londrina, 2005.

RANKE, M. C. J.. O lugar da fruição em aulas de literatura em um centro de ensino médio de Araguaína. Araguaia: [s.n], 2012. *Dissertação* (Mestrado), Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína: [s.n], 2012.

RIETVELD, J. J.. *Aspectos históricos do catolicismo no sul do Cariri Paraibano*. Campina Grande: Erik M. F. Brito (Editor), 2015.

SALAINI, C.J.; GRAEFF, L. A respeito da materialidade do patrimônio imaterial: o caso do INRC Porongos. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.17, n.36, 2011.

SANTOS JÚNIOR, V.. A dispersão espacial da tradição Nordeste na região agreste do Rio Grande do Norte. In: *FUMDHAMentos VII*. São Raimundo Notato: Fumdam, p. 515-528, 2008.

_____. A dispersão espacial da tradição Nordeste na região agreste do Rio Grande do Norte. In: *FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 - Piauí / BRASIL*. São Raimundo Notato: Fumdam, 2009. p. 33-41.

SETTON, M. G. J.. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p.60-70, Maio/Jun/Jul/Ago 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>> Acesso em: 02 jul. 2016.

SILVA, Sandra Siqueira da. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. *Aurora*, ano V, n. 7, p.106-113, 2011.

SILVEIRA, F. L. A.; LIMA FILHO, M. F.. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 11, n.23, p.37-50, 2005.

VELHO, Otávio. Trabalho de Campo, antinomias e estradas de ferro. *Interseções*, v. 8, n.1, p.09-26, 2006.

_____. *O cativo da Besta Fera*. Mais realistas do que o rei. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.